

RESSIGNIFICAÇÃO E REFUNCIONALIZAÇÃO DA PAISAGEM DO PERÍODO DA GUERRA DO CONTESTADO EM PORTO UNIÃO DA VITÓRIA (SC/PR): NOTAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA ¹

Thiago Luiz Calandro² 

Gabriela Sena da Silva³ 

Destaques:

- Reflexões sobre o ensino de Geografia no contexto da Guerra do Contestado.
- Ressignificação e Refuncionalização da Paisagem em Porto União da Vitória (SC/PR) e ensino de Geografia.
- Espaço, tempo, paisagem e lugar no ensino de Geografia a partir de análises documentais.

Resumo: O presente trabalho de pesquisa tem o objetivo discutir o ensino da Geografia Escolar a partir da ressignificação e refuncionalização das paisagens das cidades de União da Vitória (PR) e Porto União (SC) durante o período da Guerra do Contestado (1912-1916). Como metodologia, fizemos uma análise do documento “Apontamentos Históricos de União da Vitória” de 1933. A partir do conceito de raciocínio geográfico e da memória, discutimos propostas de abordagem considerando a representação e espaço-tempo. Os resultados apontaram para uma multiplicidade de representações tanto no mesmo tempo e espaço social como em suas sucessões. Sendo assim, para ensinar a Geografia, concluímos que há uma necessidade de alinhamento das representações com espaço-tempo.

Palavras-chave: Paisagem; Contestado; Ensino; Geografia; Lugar.

RESIGNIFICATION AND REFUNCTIONALIZATION OF THE LANDSCAPE OF THE CONTESTED WAR PERIOD IN PORTO UNIÃO DA VITÓRIA (SC/PR): NOTES FOR TEACHING GEOGRAPHY

Abstract: The present research work aims to discuss the teaching of School Geography from the reframing and refuncionalization of the landscapes of the cities of União da Vitória (PR) and Porto União (SC) during the period of the Contestado War (1912-1916). As a methodology, we made an analysis of the 1933 document “Historical Notes of União da Vitória”. Based on the concept of geographic reasoning and memory, we discussed proposals for approach considering representation and space-time. The

¹ Trabalho aprovado no III Congresso Brasileiro de Organização do Espaço e XV Seminário de Pós-graduação em Geografia, ocorrido nos dias 31 de maio e 02 e 04 de junho de 2021 e selecionado para publicação em parceria com o periódico.

² Professor Doutor em Geografia pela Estadual Júlio de Mesquita Filho, Campus de Rio Claro. Professor do Instituto Federal do Paraná, Campus de União da Vitória. E-mail: thiago.calandro@ifpr.edu.br

³ Discente do curso técnico em informática integrado ao ensino médio no Instituto Federal do Paraná, Campus de União da Vitória. E-mail: senagabi829@gmail.com

results pointed to a multiplicity of representations both in the same time and social space and in their successions. Therefore, to teach Geography, we conclude that there is a need to align representations with space-time.

Keywords: Landscape; Contested; Teaching; Geography; Place.

RESIGNIFICACIÓN Y REFUNCIONALIZACIÓN DEL PAISAJE DEL PERÍODO DE GUERRA CONTESTADA EN PORTO UNIÃO DA VITÓRIA (SC / PR): NOTAS PARA LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Resumen: El presente trabajo de investigación tiene como objetivo discutir la enseñanza de la Geografía Escolar desde el replanteamiento y refuncionalización de los paisajes de las ciudades de União da Vitória (PR) y Porto União (SC) durante el período de la Guerra del Contestado (1912-1916). Como metodología, analizamos el documento “Apontamentos históricos de União da Vitória” de 1933. Partiendo del concepto de razonamiento geográfico y memoria, discutimos propuestas de abordaje considerando la representación y el espacio-tiempo. Los resultados apuntaron a una multiplicidad de representaciones tanto en el mismo tiempo y espacio social como en sus sucesiones. Por tanto, para enseñar geografía, llegamos a la conclusión de que es necesario alinear las representaciones con el espacio-tiempo.

Palabras clave: Paisaje; Contestado; Enseñanza; Geografía; Lugar.

INTRODUÇÃO

A Guerra do Contestado foi um conflito armado que ocorreu no sul do Brasil entre os estados do Paraná e de Santa Catarina. Esse conflito envolveu uma população cabocla dona de pequenas propriedades de terras e representantes dos poderes estaduais e federais brasileiros no período entre outubro de 1912 e agosto de 1916, em uma região rica em madeira e erva-mate.

Suas motivações vão muito além de disputas territoriais e envolvem, também, problemas socioeconômicos e culturais que abalaram os moradores das regiões contestadas. Como motivos dessa guerra, podemos citar: a questão de limites mal resolvidos entre Paraná e Santa Catarina - que tornaram a região em uma “terra de ninguém” - o movimento messiânico que, em conjunto com a maneira de governar dos representantes dos governos federal e estadual, formaram grandes grupos de revoltosos - assemelhando-se à Guerra de Canudos, e a instalação de uma empresa estrangeira, a Brazil Railway Company na região, sendo que esta tinha concessão do governo federal para explorar matas nativas da região e construir uma estrada de ferro que faria a ligação entre os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

A ferrovia e exploração da madeira abrangeriam parte do território contestado, fazendo com que muitos sertanejos deixassem suas terras e se

revoltassem com o despejo de suas propriedades. Com a conclusão da estrada pela supracitada empresa, de propriedade de Percival Farquhar, que também era dono da madeireira Southern Brazil Lumber & Colonization Company, muitos trabalhadores ficaram desempregados e passaram por dificuldades financeiras. A guerra só teve fim em 1916, com a prisão do líder dos sertanejos durante os conflitos, Adeodato Manoel Ramos.

A guerra fora um laboratório de experiências para o Exército Brasileiro, pois foram mobilizados dois terços das tropas, milícias estaduais e forças paranaenses. No conflito, pela primeira vez na América Latina utilizaram-se aviões com fins militares, bombas de fragmentação e aprimoradas técnicas de contra insurgência, esboçadas na Guerra de Canudos. De ambos os lados, predominou a barbárie e a violência, restando mais de dez mil vidas tiradas.

Cada cidade palco da guerra do Contestado teve um papel importante, empenhando diversas funções diante do conflito e, com Porto União da Vitória, não foi diferente. As cidades foram um grande centro estratégico dos embates, não palco para eles propriamente, mas era nelas que os soldados se preparavam para ir a outras cidades em conflito. Com a construção da Estação Ferroviária, que veio a passar pela *Ponte de Ferro* sobre o rio Iguaçu, a circulação de pessoas na cidade era grande; a população ficava encantada com a chegada da *Maria Fumaça*, porém, a vinda de pessoas, exclusivamente soldados de outros pontos táticos da guerra, assustava os moradores e comerciantes da cidade que, por consequência, fechavam o comércio com medo de ataques por parte dos sertanejos.

CONSTRUIR E HABITAR

Na aproximação com o círculo hermenêutico da memória de Paul Ricoeur (1994), o autor apresenta uma maneira de explicar a relação entre arquitetura (espaço) e memória, compreendida como um movimento importante para a construção de *visão de mundo* e de *paisagem cultural*, por meio dos atos de construir e habitar. Assim, em relação à prefiguração da memória, que remete à atual visão de mundo, os atos de construir-habitar representam a concepção espacial de uma sociedade construída historicamente; por conseguinte, o habitar, que se relaciona à configuração da memória, remete a novas formas de

se pensar o espaço. Nessa fase, ocorrem os processos de significação e esquecimento, fundamentais para uma nova representação espacial. Por fim, temos o ato de construir, que se relaciona à refiguração da memória, ato este que remete à estabilização da representação ou *o que ficou do processo de significar e esquecer* e, em certo sentido, direciona a nova forma de pensar e agir - representação e prática, respectivamente; o resultado dos processos de construir e habitar volta a uma prefiguração da memória, pois constitui uma visão de mundo historicamente construída e que, provavelmente, alterar-se-á com nova demanda ou acontecimento que altere a duração atual.

No contexto geográfico, os atos de construir e habitar podem ser mais bem compreendidos pelos conceitos de *lugar e paisagem*, respectivamente e, como visto na passagem anteriormente apresentada, configuram uma dinâmica relacional. Essa perspectiva de pensamento nos faz introduzir o conceito de lugar por Massey (2008, 2017). Para a autora, o lugar é fruto de uma construção social a partir das imbricações de histórias que o permeiam, portanto, interacional; comporta múltiplas representações ao longo do espaço-tempo devido às diferentes geometrias de poder que agem sobre ele, portanto, múltiplo e, por último, devido ao resultado da interação dos múltiplos agentes de poder que se relacionam, está sempre em construção, portanto, aberto. Assim, o ato de habitar o lugar, a partir do imbricar de histórias e da multiplicidade das tensões sociais é provedor de demandas e acontecimentos que alteram a representação e designa uma nova forma de agir sobre o lugar.

Como resultado de uma construção social, a paisagem é fruto do representar e do habitar do humano. Nesse sentido, Cosgrove (1998) e Besse (2014), entendem que a paisagem é uma representação cultural e que pode ajudar a decifrar a concepção humana do espaço. Destarte, Cosgrove (1998) indica: “para compreender as expressões impressas por uma cultura em sua paisagem necessitamos de um conhecimento da ‘linguagem’ empregada: os símbolos e seu significado na cultura.” (COSGROVE, 1998, p. 227). No mesmo sentido, Besse (2014) coloca: “[...] a paisagem é como um texto humano a ser decifrado, como um signo ou um conjunto de signos mais ou menos sistematicamente ordenado, como um pensamento oculto a ser achado por trás de objetos, das palavras e dos olhares” (BESSE, 2014, p. 21).

Contudo, a partir dos referenciais de Paul Ricœur e Doreen Massey, entendemos que a paisagem reflete o pensamento de matriz política dos autores a partir do processo de construção e reconstrução contínua do espaço/lugar/paisagem. A paisagem, tal como o lugar, está sempre inacabada e apresenta uma multiplicidade instantânea em sua representação e significado, dentro de um mesmo tempo social, mas também, com a alteração do tempo social.

PAISAGEM E LUGAR DO PASSADO E DO PRESENTE

Para formular uma aproximação possível de uma “geografia do passado” da guerra do Contestado a partir da paisagem e do lugar, apoiamos-nos nas contribuições teóricas e metodológicas de Abreu (2000). O autor aponta algumas orientações para realizar os estudos do passado na dimensão geográfica, sendo eles: as variáveis, o contexto e os vestígios:

Dentre as regras fundamentais que permitem que estudemos o passado, citaremos aqui apenas três. A primeira é a que preconiza que se as categorias de análise da geografia são universais, as variáveis que as operacionalizam não o são; daí, precisamos estar sempre atentos à adequação destas últimas para o entendimento do passado. Variáveis não trafegam impunemente no túnel do tempo, só as categorias de análise podem fazê-lo. A segunda regra, por sua vez, indica que só se pode entender o “presente de então” se pudermos contextualizá-lo. Embora informado pelo presente, o passado não é o presente [...]

Finalmente, há também que levar em conta que as geografias do passado trabalham, não com o passado propriamente dito, mas com os fragmentos que ele deixou. Por isso, é preciso sempre desconfiar dos vestígios que encontramos, pois os documentos vindos de tempos antigos não são neutros, isto é, incorporam estruturas de poder (FOUCAULT, 1969). Por outro lado, há também que tentar dar conta do que não deixou vestígios, mas que sabemos que ocorreu ou que deve ter ocorrido. (ABREU, 2000, p. 18).

Considerando as variáveis da pesquisa, entendemos que a análise do livro *Apontamentos históricos de União da Vitória* (1933), de Cleto Silva, contempla apenas a visão do autor que, por sua vez, declina para uma visão de exaltação militar, de modo que os caboclos não são aí inseridos nas análises; sendo assim, suas visões de mundo sobre as práticas e paisagens não são consideradas. O fato de não descobrirmos (até aqui e até agora) narrativas que expressem visões de mundo dos caboclos sobre seu espaço atribui-se à exclusão socioespacial e ao

preconceito, levando a uma escassez documental; um contexto aproximativo do real é evidenciado a partir da análise do documento histórico supracitado. Nele, podemos entender as práticas e a paisagem a partir dos relatos do autor e, também, a partir de fotografias; por último, os vestígios remetem ao documento histórico, às fotos históricas e às práticas e paisagens que ainda se perpetuam.

Como proposta de pesquisa, analisaremos as práticas e discursos espaciais a partir das paisagens descritas nos *Apontamentos históricos de União da Vitória*. Para Harvey (2009), as práticas espaciais expressam o acúmulo, a negociação e/ou imposição de experiências individuais e coletivas e que estão sempre em um processo contínuo de reconstrução que age na produção ou reprodução do espaço, durando ou alterando a concepção do discurso espacial. A visão de Harvey sobre as práticas e discursos espaciais se aproxima da perspectiva da produção do espaço de Lefebvre (2006), a partir do espaço vivido, percebido e imaginado. Nessa perspectiva, as práticas e discursos espaciais apresentam, na dimensão social, uma matriz de pensamento que considera a *ação* (que remete a uma construção histórica do espaço vivido até aqui e agora), a *representação* (que remete ao que percebemos do espaço a partir de nossas experiências individuais e coletivas) e, novamente, a *ação* (que se refere à estabilização das nossas experiências espaciais) e que podem provocar ações de reprodução ou transformação da prática e dos discursos espaciais.

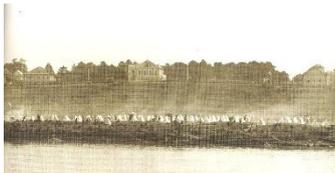
Uma maneira de evidenciar as práticas e discursos espaciais é analisar a função e o significado das paisagens em determinado contexto espaço-temporal. Conforme Corrêa (2018) “o interesse do geógrafo pelo tempo se dá por meio da espacialidade humana ao longo da história, espacialidade que está materializada em obras fixas e expressa em fluxos, ambos resultados de complexos processos sociais.” (CORRÊA, 2018, p. 39). O primeiro é o da *inércia* “que possibilita a continuidade da função na mesma estrutura física continuada.” (CORRÊA, 2018, p. 40); a outra é a *ressignificação* “cujas funções permanecem, mas tendo novos significados, simbólicos em muitos casos, tratando-se de uma herança viva, cujas formas desempenharam funções com significados inseridos na complexidade do presente.” (CORRÊA, 2018, p. 40). Por último, a *refuncionalização*, “isto é, antigas formas ganharam novas funções, valorizadas

cronologicamente ou simbolicamente no presente.” (CORRÊA, 2018, p. 40). Podemos acompanhar tais processos atuantes na paisagem de Porto União da Vitória pelo quadro 1:

Quadro 1 - Práticas espaciais e paisagens da guerra do contestado segundo o livro Apontamentos históricos de União da Vitória (1933), de Cleto Silva em Porto União da Vitória e seu processo de refuncionalização e resignificação

Paisagem	Função no período do contestado	Inércia, resignificação e/ou refuncionalização
<p>Grupo Escolar “Professor Serapião”</p>	<p>Empregado como escola primária primeiramente no lado catarinense, com o acordo de limites passou a pertencer ao lado paranaense e a denominar-se Grupo Escolar Balduino Cardoso.</p> <p>O Governo do Estado do Paraná constrói o edifício do grupo escolar, nos altos da Igreja, nomeando-lhe Grupo Escolar “Professor Serapião”.</p> <p>*</p> <p>“Com o acordo de limites entre o Paraná e Santa Catarina, ficou esse prédio ao lado catarinense, passando à denominação: ‘Grupo Escolar Balduino Cardoso’.” (SILVA, 1933, p. 109).</p>  <p>Fonte: Revista HISTEDBR (on-line)</p> <p>Iniciada a construção do Grupo Escolar em 1911 e concluída em 1913. Uma particularidade é que o grupo foi construído pelo Governo do Estado do Paraná em território que em 1917 passaria a pertencer a Santa Catarina, sendo assim necessária a mudança de endereço.</p>	<p>Hoje denomina-se Escola Municipal “Professor Serapião” e continua pertencente ao Paraná, mas com localização diferente. A escola primária funciona até hoje.</p>  <p>Fonte: VVale site de notícias</p>
<p>Maria Fumaça</p>	<p>Empregada no transporte das tropas para o local de ataque, também era meio de transporte de personagens importantes e corpos dos soldados abatidos em guerra.</p> <p>*</p> <p>“O comboio de passageiros, procedente de Ponta Grossa e que se destinava a Marcelino Ramos,</p>	<p>Ponto turístico nas Gêmeas do Iguaçu, linha que divide a cidade de União da Vitória (PR), da cidade de Porto União. Não mais utilizada para viagens intermunicipais, foi enviada para restauro na cidade de Rio</p>

	<p>estaciona na estação de União da Vitória, aguardando as notícias solicitadas às estações da linha sul.” (SILVA, 1933, p. 114). “Pelas 11 horas da manhã, dez caixões partiam da Estação da Estrada de Ferro de União da Vitória, para o campo santo. Dentro deles os corpos mutilados, espedaçados, dos dez valentes companheiros do capitão Matos Costa.” (SILVA, 1933, p. 120).</p>  <p>Fonte: Facebook de Mariano Filho (1930)</p>	<p>Negrinho, com o intuito de fazê-la funcionar novamente e oferecer à população e turistas uma viagem diferente pelas cidades de Porto União, União da Vitória e região.</p>  <p>Fonte: Facebook de Mariano Filho</p>
<p>Ponte de Ferro</p>	<p>Local de passagem do trem.</p>   <p>Fonte: fotografias de Claro Jansson</p>	<p>A chamada Ponte Machado da Costa hoje é a ligação do distrito de São Cristóvão com o centro da cidade e foi asfaltada. Há pouco tempo foi construída uma nova ponte a seu lado, a qual será utilizada para passagem de automóveis e motocicletas, deixando a ponte de ferro para circulação somente de ciclistas e pedestres.</p>  <p>Fonte: VVale site de notícias</p>

<p>Estação Ferroviária</p>	<p>“Pelas 9 horas da noite desse fatídico dia chega o trem militar à estação de União da Vitória, trazendo apenas 12 praças, o médico Dr. Sylla, e com estes, a ambulância e a munição restante, quatro caixotes de balas!” (SILVA, 1933, p. 116).</p>  <p>Fonte: <i>Site Estações Ferroviárias do Brasil</i></p> <p>Em 1917 a Estação foi demolida e iniciada a construção da estrutura que permanece até os dias de hoje.</p>	<p>Hoje, a Estação Ferroviária não funciona como desembarque de trem, mas funciona como um local para eventos da região; nela, passaram muitos artistas que participaram de festas como a Festa do Steinhaeger e do Xixo e a Festa das Etnias; aos sábados, ocorre a feirinha de produtos coloniais. A agricultura familiar é muito apreciada nas cidades gêmeas.</p>  <p>Fonte: <i>Site Estações Ferroviárias do Brasil</i></p>
<p>Residência do Coronel Amazonas</p>	<p>Serviu como estadia para o presidente do Paraná Carlos Cavalcanti à época do conflito do Contestado. Sua estadia se deve ao fato de uma visita para esclarecimentos sobre a situação do conflito, já que Porto União da Vitória (antes da separação dos estados) era um dos centros de comando e acampamento dos soldados.</p> <p>*</p> <p>“Recebido festivamente, hospeda-se o Presidente na casa de residência do Coronel Amazonas. Fazem-se muitas manifestações com a estadia do Presidente Cavalcanti em União da Vitória. Inúmeros discursos são pronunciados sobre a questão de limites que agitava os estados do Paraná e Santa Catarina.” (SILVA, 1933, p. 111).</p>  <p>Fonte: <i>Site Onde fica Porto União</i></p> <p>O dito “palacete” estava localizado na</p>	<p>Não existe mais devido ao incêndio que a destruiu em 1953, restando apenas o trinco da porta da frente e uma grade de ferro que estão guardados como relíquias históricas. Hoje, no mesmo local, permanece o terreno, mas sem nenhuma construção aparente.</p>

	<p>parte mais alta da Rua Coronel Amazonas, na quadra entre o Clube Concordia e a Ponte da Estrada de Ferro (Ponte Machado da Costa).</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Coronel Amazonas de Araújo Marcondes fixou-se em 1880 nas localidades, vindo de Palmas; foi ele o responsável por trazer à região os primeiros imigrantes europeus, além de implantar a navegação a vapor no Rio Iguaçu, que levava as mercadorias e o gado produzido na região a outras localidades.</p>	
<p>Praça Matos Costa</p>	<p>Lugar onde se realizavam festividades, como A Festa da Primavera, na qual o inspetor Escolar Túlio de França planta uma árvore no centro da praça.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>“A 28 de Setembro de 1916, o Dr. João Túlio de França, Inspetor Escolar do município de União da Vitoria, convida a população para assistir os festejos da Primavera, plantando, na praça Matos Costa (atual Ercilio Luz) um pé de herveira.” (SILVA, 1933, p.138).</p>  <p>Fonte: acervo pessoal de Leni Trentim Gaspari</p>	<p>Atualmente utilizada como uma área de lazer para a população, também palco de festividades, mudou seu nome para Praça Hercílio Luz.</p>  <p>Fonte: Site Turismo de Porto União</p>
<p>Comércio</p>	<p>À época, União da Vitória contava com 122 comerciantes registrados, entre polacos, ucranianos, alemães, sírios, portugueses, espanhóis e ingleses.</p>  <p>Fonte: Site Senado Notícias</p>	<p>Houve grande desenvolvimento na cidade, que hoje não conta apenas com imigrantes, mas também com descendentes e residentes em União da Vitória e</p>  <p>Porto União. Fonte: Site de notícias VVale</p>

<p>Clima, hidrografia e relevo</p>	<p>Havia muita chuva, clima frio e nebuloso, que impedia as tropas de avançarem por certos trajetos, devido às cheias dos rios e às condições deploráveis em que as estradas se encontravam. *</p> <p>“A noite do desembarque é chuvosa. Os soldados, em galpões e casas que estavam desocupados, foram alojados.” (SILVA, 1933, p. 105). *</p> <p>O terreno fora feito de aliado para os caboclos e de inimigo para os soldados de guerra. Como conhecedores do terreno, os caboclos implantaram diversas emboscadas, conheciam esconderijos, usavam o terreno como verdadeira arma de defesa contra os oficiais que, por sua vez, não o conheciam. *</p> <p>“Conhecedores minuciosos do terreno, sua tática resume-se, entretanto, a muito pouco: surpreender, emboscados, á testa ou os flancos da força, sustentando prolongadamente o tiroteio, que interrompem se a tropa, que raro perseguem, se retira, ou então se os desaloja, mercê de uma arrancada subitanea, á baioneta.” (SILVA, 1933, p. 128).</p>  <p>Fonte: Facebook de Aluisio Moraes</p>	<p>Hoje, as chuvas a longo prazo e abundantes nos trazem as enchentes, que provocam grandes perdas materiais às pessoas que constroem suas moradias próximo ao Rio Iguazu; na maioria das vezes, são pessoas de baixa renda e que não têm condições de repor os bens perdidos. As maiores enchentes sofridas pela população de União da Vitória e Porto União foram as de 1983, 1992 e 2014. A maior delas foi a de 1983, onde a população enfrentou sérios problemas com a falta de água potável, de energia elétrica e produtos alimentícios, quando a cidade ficou coberta pelas águas do Rio Iguazu.</p>  <p>Fonte: Site de notícias VVale</p>
<p>Possibilidades de Paisagens</p>	<p>Fonte Histórica</p>	<p>Inferências</p>
<p>Campo de Aviação</p>	<p>Local de pouso do Tenente Ricardo Kirk que veio para ajudar no controle dos “fanáticos”. Voavam sobre a cidade fazendo experimentos nos aviões. *</p> <p>“Chegam à União da Vitoria os aviadores, tenente Ricardo Kirk e civil</p>	<p>Era situado nas imediações onde se encontrava o escritório da Empresa Alexandre Schlemm & Cia. Hoje não existe mais, dando lugar a uma rua em nome da Empresa Alexandre</p>

	<p>Darioli, que vêm prestar seus serviços às forças federais contra os fanáticos. Trouxeram quatro aviões, um dos quais ficou inutilizado, por ter queimado em viagem. Onde hoje se encontra o escritório da Empresa Alexandre Schlemm & Cia. e suas imediações, foi o campo de aviação e seu hangar. Kirk e Darioli voaram sobre a cidade e seus arredores, fazendo experiências nos seus aparelhos.” (SILVA, 1933, p. 121).</p> 	<p>Schlemm & Cia. que nos leva a acreditar que o Campo de Aviação se situava nas imediações.</p>
--	---	--

Fonte: *Site Canal Piloto*
Fonte: SILVA e CALANDRO, 2020.

Esse processo de análise permite-nos entender a espacialidade e a temporalidade da guerra do Contestado - como fenômeno geográfico - em Porto União da Vitória a partir da sua paisagem. Para Corrêa (2019), a temporalidade e espacialidade apresentam, cada uma, alguns atributos para sua melhor compreensão, sendo para a primeira a criação, o desenvolvimento e a mudança e, para a segunda, a localização, a escala, o arranjo espacial e as interações espaciais.

No contexto da pesquisa, os atributos de temporalidade estão inseridos no contexto da criação e formação das paisagens e sua influência nas práticas espaciais, no desenvolvimento das funções e significados durante o período da guerra e, por último, nas transformações do significado e da função. No conjunto de atributos da espacialidade temos a localização; em termos absolutos e relacionais, as paisagens pesquisadas estão nas cidades de Porto União-SC e União da Vitória-PR, margeando o rio Iguaçu, no quilômetro 310 da linha férrea Itararé-Uruguaí e na divisa entre os estados do Paraná e Santa Catarina. A pesquisa tem uma escala local e apresenta uma escala dimensional simbólica da guerra do Contestado; o arranjo espacial também é temporal e seu recorte considera paisagens e práticas que testemunharam e interagiram com a guerra e seus desdobramentos ao longo do tempo e, por último, as interações espaciais aparecem a partir da coexistência de cotidianos (passado e presente) em outros

lugares afetados pela guerra, como os lugares onde passa ou passavam a linha férrea ou o rio Iguaçu.

O estudo da espacialidade e da temporalidade a partir do processo de inércia, refuncionalização e resignificação da paisagem parece uma maneira muito didática em auxiliar na superação do problema da representação do espaço. No entanto, o quadro apresentado não consegue dar conta da multiplicidade da instantaneidade, ou seja, a multiplicidade da representação do lugar em um mesmo tempo social (nem do passado, nem do presente). Tal fato pode ser observado a partir da análise de uma narrativa selecionada do passado inserida no livro de Silva (1933) e uma única narrativa do presente feita pelos pesquisadores.

O imbricar e a interação de histórias no lugar podem significar e alterar a representação; e, por último, essa nova representação guia a ação sobre as práticas espaciais podendo alterar a paisagem, sua função e/ou seu significado. Dessa maneira, entendemos que a inércia é, de maneira geral, resultante da ação e reflete a reprodução do espaço, enquanto os processos de resignificação e refuncionalização são frutos do processo de representação-ação e expressam a produção espacial. Esses dois processos estão relacionados às relações de poder entre os grupos que habitam e constroem o espaço ao longo do tempo.

NOTAS PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

Nessa etapa, vamos tecer pensamentos do que fora discutido até aqui com o ensino da geografia, sobretudo, com o tema emergente da área: o do *raciocínio geográfico*, partindo do quadro 1. No entanto, a temática sobre o raciocínio geográfico, vez ou outra, é confundida com a do pensamento espacial. Na tentativa de melhor compreender a diferença entre estas duas conceituações, apoiamo-nos em Straforini (2018): “Enquanto o pensamento espacial está muito mais vinculado aos processos cognitivos relacionados à inteligência espacial, o segundo está vinculado à própria disciplina geográfica, se fundamentando não tanto nas relações topológicas, mas sim nos atributos de análise do espaço produzidos ao longo da própria ciência geográfica.” (STRAFORINI, 2018, p. 186).

Nesse sentido, a guerra do Contestado é compreendida como fenômeno geográfico a partir das dimensões sociais (econômica, política e cultural). Nesse sentido, Straforini (2018) apoiado em Roque Ascenção e Valadão (2014), traz-nos o conceito de *compreensão da espacialidade dos fenômenos* que, para os autores, seria a finalidade do ensino da Geografia. Para o desenvolvimento desta ideia, Roque Ascenção e Valadão (2014) fundamentam-se em três conceitos principais: o de espaço, o de tempo e o de escala:

Compreende-se a categoria Espaço como base para todo e qualquer estudo, visto que é através dela que os fenômenos se concretizam, tornando-se “visíveis” aos olhos daqueles que o investigam. A noção de Tempo é um indicativo da duração do fenômeno e também das condições tecnológicas quando de sua ocorrência. A Escala, por vezes reduzida a dimensões cartesianas cartográficas, é aqui assumida como reveladora da abrangência e da relação de fluxo do fenômeno. Essas três categorias ou conceitos estruturadores do raciocínio geográfico são operados através do que aqui se denomina “Tripé Metodológico” da Geografia. Com fins de proceder a elucidação da espacialidade realiza-se o movimento de leitura do fenômeno considerando sua localização, descrevendo suas características e sua reação frente aos demais componentes do espaço onde ocorre e, na conjugação entre essas ações e os referenciais teóricos eleitos, se sistematiza a interpretação. (ROQUE ASCENÇÃO e VALADÃO, 2014, p. 6).

Para nós, quando os autores colocam o tempo como um conceito-chave para a compreensão da espacialidade do fenômeno, assumem uma perspectiva além da cartesiana, na função de *localização*, evidenciada na seguinte passagem:

“Para tanto, a localização é assumida para mais do que seu referencial cartesiano, que a baliza através de coordenadas geográficas. Localizar nessa perspectiva significa indicar os atributos do fenômeno e dos demais constituintes do espaço onde esse se **materializa/materializou.**” (ROQUE ASCENÇÃO e VALADÃO, 2014, p. 6 - grifo nosso).

Os termos destacados remetem ao fenômeno geográfico num contexto de espaço-tempo. Além de um contexto atual, que remete a um cenário específico, eles – os termos grifados - remetem a um contexto passado, que por sua vez remete a um outro cenário específico, mesmo com suas relações e associações. Talvez aqui o primeiro indício da contribuição da memória para o ensino da

geografia esteja na interpretação dos fenômenos geográficos na sua localização do espaço-tempo.

A maneira como interpretamos os fenômenos geográficos não pode partir de uma transposição no espaço-tempo, ou seja, um cenário que se organiza em um tempo-espaço-escala não pode servir de alicerce para a interpretação de fenômenos que constituem cenários em outro tempo-espaço-escala. No contexto de representação, cenários distintos remetem a uma estabilização do que significa na relação entre experiência e memória; já considerar o tempo contextualiza o cenário e o processo até aqui e agora, evitando representações desconexas e essencialistas. Tal apontamento reflete a visão de uma geografia do passado de Abreu (2000) por meio das variáveis, contexto e vestígios.

As diferentes concepções espaciais vêm das diferentes práticas exercidas sobre ele. Os indícios de concepção espacial podem ser percebidos pelos atos de habitar e construir/lugar e paisagem/essência e disposição espacial (ver quadro 1). Por isso, localizar, descrever, interpretar, relacionar podem apresentar desdobramentos diferentes em relação a um fenômeno espacial, evidenciando sua multiplicidade tanto instantânea, como processual.

Uma outra contribuição da memória, agora com um viés mais operatório, é o presente como ponto de partida para o ensino. Nesse sentido, partimos dos conceitos de paisagem e lugar, cuja contribuição parte do círculo hermenêutico da memória em Ricœur (1997). Como visto anteriormente, somos o que somos porque lembramos e esquecemos, moldando nossas demandas e expectativas temporariamente. Assim, o presente é o momento de uma síntese estável que expressa a nossa visão de mundo e dá sentido ao futuro, ao passado e à vida a partir dele. Nessa perspectiva, podemos atrelar as ideias didáticas e pedagógicas de “conteúdos significativos” aos processos operatórios de “partir da realidade dos alunos”.

A paisagem e o lugar estabelecem-se como ponto fundamental para o ensino da geografia a partir da relação memória-espaço. Em um paralelo com o círculo hermenêutico da memória, o espaço se prefigura, configura e reconfigura a partir dos atos de habitar/lugar e construir/paisagem. Tais atos se fundamentam na tradição, na demanda e na expectativa dos grupos para se constituir. Assim, pensar a memória geograficamente a partir do presente

(paisagem e lugar) pode ser o “fio da meada” para a compreensão da natureza do fenômeno geográfico.

A partir das contribuições de Anhorn (2012), entender o passado como tradição e não como algo morto é uma maneira de presenciar o passado, podendo auxiliar o aluno a se localizar e a repensar soluções não pensadas ou subjugadas - atrelada ao pensamento geográfico da época. O presente, em vez de ser compreendido como algo dado e imutável, pode ser compreendido como processual e tensionado pelas várias geometrias do poder existentes. O futuro deixa de ser algo utópico, mas aberto às expectativas e limites atrelados ao presente ou de um acontecimento e que dê outros desdobramentos.

Em um sentido próximo e voltando suas análises para o ensino de Geografia, Calandro (2020) aponta, como um dos resultados da sua pesquisa, a “força do presente” nas representações do espaço de alunos do ensino fundamental das escolas públicas do município de Jaguariaíva-PR. Nesse sentido, os processos de refuncionalização e resignificação das paisagens da guerra do Contestado em Porto União da Vitória são vistos como norteadores de uma representação do presente - considerando que as práticas derivam da representação.

Dessa maneira, a perspectiva de partida do presente norteia nossas compreensões em relação a *O desenvolvimento do pensamento geográfico: orientação metodológica para o ensino*, quarto capítulo do livro *Pensar pela Geografia*, de Cavalcanti (2019). A orientação metodológica para o ensino de Geografia a partir do pensamento/raciocínio geográfico se dá a partir de um percurso didático que consiste na *problematização, sistematização e síntese*.

Uma questão especial relativa à problematização é em relação ao tempo social. Como as representações espaciais sofre interferência hermenêutica da memória, orientamos a problematização a partir do presente/demanda para, posteriormente, fazer ligações com passado/tradição e futuro/perspectiva, considerando o contexto espaço-temporal da função, do significado, das práticas e do discurso do objeto/tema. No quadro 1, a coluna denominada “Inércia, Ressignificação e/ou Refuncionalização” norteia as possibilidades de problemáticas a partir do presente.

Na sistematização tem-se o momento de trabalhar os conceitos científicos da Geografia – por meio de dados, teorias, classificação e informações, no contexto da representação dos alunos sobre o fenômeno geográfico localizado e o problema percebido. No contexto da memória, os conceitos geográficos são vistos como evento-realidade que desestabilizam e reconfiguram a memória, alterando a representação sobre o fenômeno geográfico. Assim, é necessário que o professor entenda o limite do contexto e das variáveis do conteúdo em relação à problemática apresentada para que o aluno não perca a motivação e deixe de alterar a representação que, alterada, pode gerar outras práticas e discursos espaciais. Além disso, a proximidade espaço-temporal com a problemática pode contribuir para melhor sistematização ao possibilitar um conhecimento prévio mais bem elaborado devido a um maior interesse.

No contexto da nossa pesquisa, a sistematização pode ter um apelo dos estudos do cotidiano para melhor compreensão do problema estudado. Assim, os estudos de Azanha (1992), a partir do micro e macro, local e global, parte e todo, podem contribuir para dar um sentido mais amplo às relações, na coexistência e na multiplicidade. Contudo, reforçamos a necessidade do alinhamento espaço-temporal do processo de sistematização para criar uma representação mais próxima possível da realidade.

Por fim, temos a síntese: “para finalizar uma unidade de conteúdo, é pertinente que se retomem pontos problematizados, que foram objetos de sistematização, teorias, classificação, dados, informações em um esforço de síntese, e de aplicação (não no sentido imediato) dos conteúdos da vida cotidiana.” (CAVALCANTI, 2019, p. 166). Para nós, a síntese é a estabilização da representação, é o que fica depois da reconfiguração da memória a partir da sistematização do problema evidenciado. A aferência dessa alteração da representação e sua aplicação na vida cotidiana abre portas para a discussão sobre a avaliação escolar. No entanto, temos que evidenciar todo o processo de construção da síntese e não um produto acabado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da nossa proposta, espera-se que o aluno consiga interpretar/representar/agir, a partir de conceitos da disciplina, sobre aspectos

da dimensão geográfica dos fenômenos trabalhados. Contudo, não é objetivo transformar os estudantes em aspirantes a geógrafos, mas ensiná-los, minimamente, a interpretar sua realidade do espaço-tempo/social de uma maneira mais sistematizada e contextualizada.

AGRADECIMENTO

À PROEP/DEEXT do Instituto Federal do Paraná pela bolsa de pesquisa para a estudante de ensino técnico em informática integrado ao ensino médio Gabriela Sena da Silva e pelo recurso financeiro ao pesquisador.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Construindo uma Geografia do Passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. *Revista GEOUSP*, Nº 7, p 13-27, 2000

ANHORN, Carmen Teresa Gabriel. Teoria da História, didática da História e narrativa: diálogos com Paul Ricœur. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, n. 64, p. 187-210, 2012.

AZANHA, José Mário Pires. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: Edusp, 1992, 201p.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 224p.

CALANDRO, Thiago Luiz. **Memória e lugar: espaço-tempo no ensino de geografia**. 2020. 170f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2020. Disponível: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194102?show=full>. Acesso em 20/01/2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019, 232p.

CORRÊA. Roberto Lobato. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: UNESP, 2018, 321p.

CORRÊA. Roberto Lobato. Tempo, Espaço e Geografia – Um ensaio. **R. Bras. Geogr.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 285-294, jan./jun. 2019.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 92-123, 1988.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2009, 349p.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão início - fev.2006, 476 p.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**. v. 19, n. 40. Niterói: Universidade Federal Fluminense, mai./ago. 2017.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política de espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, 312p.

RICŒUR, Paul. Arquitetura e narratividade. **Urbanisme**. n. 303. [s.l.] [s.n.], nov./dez., 1994, p. 44-51. Disponível: <https://pt.scribd.com/doc/49089740/Arquitetura-e-narratividade-PaulRicoeur>. Acesso em 11/12/2019.

RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa I**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 512p.

ROQUE ASCENÇÃO, Valéria; VALADÃO, Roberto. Professor de Geografia: entre o estudo do conteúdo e a interpretação da espacialidade do fenômeno. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 18, n. 496(3), p. 1-14, 2014. Disponível: <https://goo.gl/txWDfR>. Acesso em 20/10/2020.

SILVA, Cleto da. **Apontamentos Históricos de União da Vitória (1768-1933)** União da Vitória – PR: [s.n.], 1933.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos avançados**. v. 32, n. 93, 2018, p. 175-195. Disponível: <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180037>

Recebido em 31 de Janeiro de 2021
Aceito em 07 de Junho de 2021